

BORDADO FILÉ OU RENDA FILÉ?

ARTIGO
POR MARTA MELO *

Existe, por vezes, alguma confusão na distinção entre o que é realmente um bordado e uma renda; e é importante esclarecer o significado dos termos “bordado” e “renda”. O “Filé” está catalogado internacionalmente como Bordado e ele, de fato, o é.

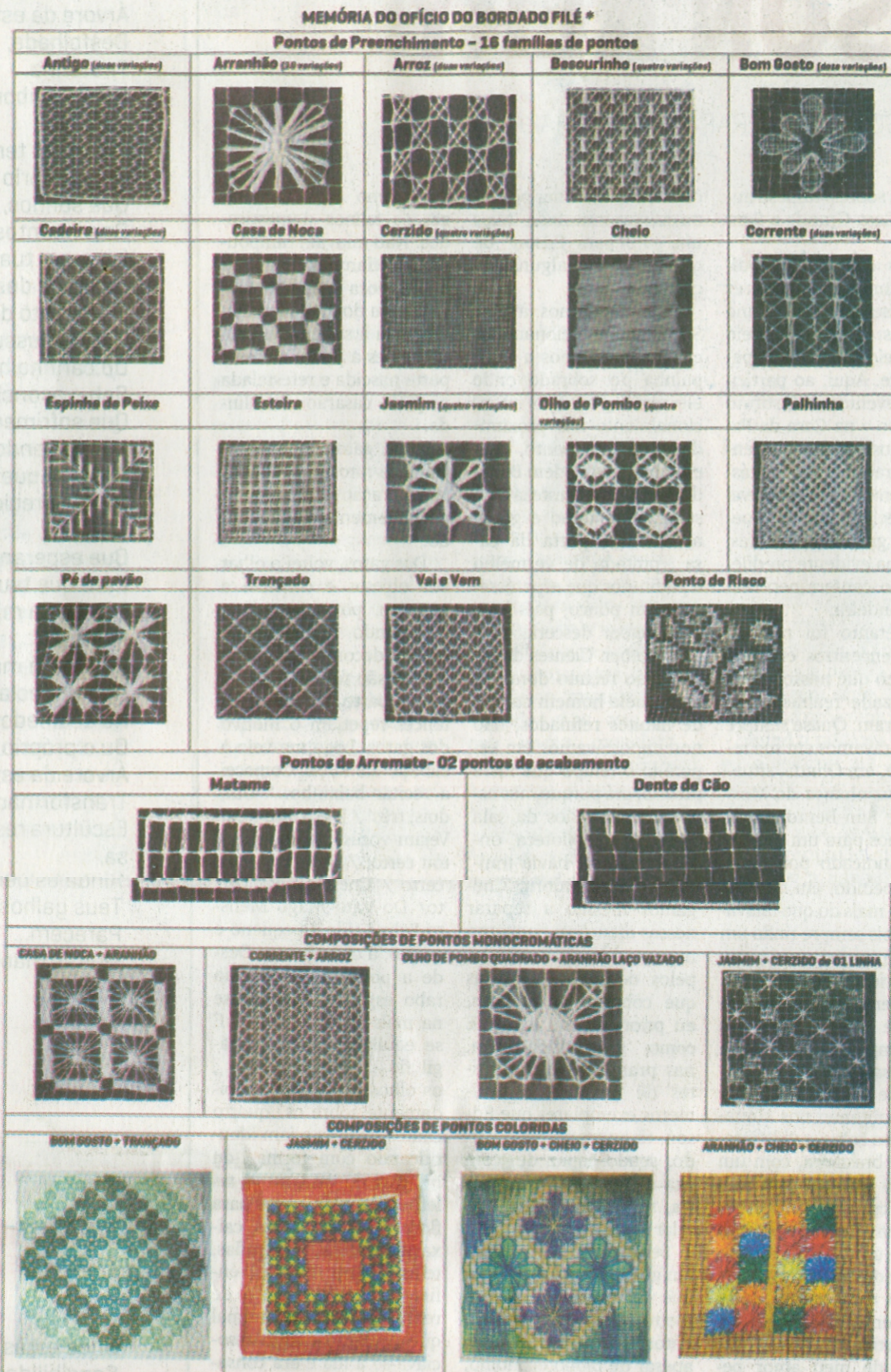
Considera-se “bordado” todos os trabalhos exercidos por meio de uma agulha sobre qualquer tipo de suporte pré – existente. Os tipos de suporte podem variar em conformidade com o resultado do trabalho que se pretenda obter, sendo o mais comum o realizado sob tecido. Quanto ao bordado filé, ele é executado sobre uma superfície de fios tramados e não sobre um tecido já constituído, sendo essa sua característica peculiar. Há necessidade da execução de dois processos para a execução do filé: primeiro a confecção de uma rede ou malha com fio de algodão de espaçamento pequeno e segundo, o preenchimento dessa malha com variadas combinações de pontos que lhe confere uma beleza ímpar.

Considera-se “renda” a trama de fios confeccionada com a ajuda de pequenas peças de madeira, entre outros materiais, que gera como produto final uma superfície plana com cheios e vazios. Esse “pano” que se forma é a “renda” já que a trama de fios, por vezes planejada através de um desenho prévio como na renda de bilros, conforma o tamanho e os pontos decorativos ao mesmo tempo de toda execução. Outro exemplo é o da renda singeleza que gera uma trama bastante simples, basicamente uma rede de nós, tradicionalmente confeccionada com agulha, linhas e um talo de coqueiro, não necessitando nem de risco nem de moldes.

Essas reflexões nos levam a pensar sobre a complexidade do filé, já que sua existência depende da criação de uma rede de nós que, depois, é bordada por cima. É renda e também bordado se configurando em um dos bordados de criação mais complexa e com possibilidades de combinações infinitas através de uma singular “família de pontos”.

Esses pontos levam nomes singulares, próprios do universo feminino e da região: arroz, bom gosto ou rosa, espinha de peixe, besourinho, jasmim, olho de pombo, casa de noca, cerzido, esteira, pé de pavão, trançado, vai-vem, matame, dente de cão etc. (ver quadro ao lado). Assim, vão-se combinando pontos em sequências e cores diferentes gerando possibilidades e variações infinitas, o que possibilita a criação e a inovação com maior frequência, se comparado a outras técnicas tradicionais. O “vôo do besourinho”, inovação do ponto “besourinho”, embelezou o vestuário do verão 2014 da empresa carioca O CANTÃO, que já está encomendando novas peças para o verão 2015 demonstrando a versatilidade e atualidade do produto no mundo contemporâneo da moda (ver fotos).

Mas a tarefa é complexa para a obtenção desses resultados. Após a confecção da rede, ela é esticada num tear de madeira e se inicia o bordado das linhas (monocromáticas ou com combinações de tons e cores diversas) que darão forma ao filé. Essas combinações são previamente projetadas pelas artesãs e marcadas na rede através de uma modelagem do produto. Matemática também é necessária, pois “a conta das casas” da malha tem que ser precisa e ritmada. Tudo é milimetricamente quantificado, definido e marcado. Há artesãs que só preenchem, outras só marcam e preenchem e outras que só fazem



* Levantamento produzido pelas consultoras Maria Amélia Vieira e Adriana Luna por solicitação do Sebrae-AL durante os trabalhos de elaboração do caderno de normas do bordado com vistas ao registro de Indicação Geográfica no INPI.

a rede. Coqueiro Seco é um dos municípios especialista na produção da rede na área Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM). Já no município de Marechal Deodoro encontra-se tanto artesãs dedicadas à produção da rede quanto aquelas que fazem o bordado ou, ainda, que façam as duas atividades. No bairro do Pontal da Barra, em Maceió, o maior número de artesãs faz a modelagem e o preenchimento dos pontos de bordado a partir de redes encomendadas na região. Nota-se muita terceirização na confecção da malha, pois demanda tempo fazê-la e, assim, se estabelece uma cadeia produtiva do bordado na região lagunar, resultado percebido pela alta emissão de carteiras de artesãs nessa modalidade pela Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico – Seplande nos municípios do CELMM.

Vale aqui um lembrete: o Bordado é a atividade artesanal de maior registro no Programa de Artesanato Brasileiro – PAB –, número esse observado entre as tipologias classificadas quando da emissão da carteira de artesão e que também revela 90% da

presença de mão-de-obra feminina e o Nordeste detém o maior número de inscrições nessa categoria.

Em Alagoas, a Seplande, através do PAB-AL apontou em abril de 2014, na modalidade bordado filé, a ocorrência de 860 filezeiras em Maceió, 626 em Marechal Deodoro e 21 em Coqueiro Seco, totalizando 1.507 emissões de carteira de artesão com domicílio na área das lagoas Mundaú e Manguaba nessa modalidade. E ainda, estatisticamente o filé aparece como o maior registro de técnica na tipologia bordados e rendas tradicionais de Alagoas, só superado pela modalidade crochet. (Fonte: PAB/Seplande).

As consultoras do Sebrae-AL, Maria Amélia Vieira e Adriana Luna fizeram um extensivo levantamento sobre os processos de confecção da malha e dos pontos desse bordado na área la-

gunar e confrontaram também suas denominações e variações entre os grupos produtores. Esses relatórios subsidiaram a normatização das técnicas desse bordado – uma das prerrogativas para obtenção do selo de Indicação Geográfica (IG) em curso com apoio da Seplande e SEBRAE-AL. Em tempo, também subsidiou o dossiê de justificativa elaborado pela UFAL para solicitação do registro de Patrimônio Cultural Imaterial de Alagoas.

ORIGEM DO FILÉ

O nome filé vem do francês “filet” que quer dizer rede e, de fato, é um bordado sobre uma rede de fios. Fios sobre fios que envolvem processos com complexidade de execução e muito aperfeiçoamento através desse longo tempo histórico de repasses entre gerações. Sua origem remonta à Antiguidade, tendo sido encontrado em tumbas egípcias e na Pérsia (há autores que afirmam que sua origem é persa). Segundo narra Silva (2006)1, “em Itália foram também encontrados bordados de “filé” no espólio de D^a Catari-

na de Médicis que tinha grande apreço por este tipo de bordados, assim como no de suas filhas e de suas criadas que passavam grande parte dos dias dedicada ao bordado de quadros em “filé.”

Em Portugal da atualidade, ele é encontrado na freguesia de Pombeiro e ao longo da estrada nacional que liga Felgueiras a Guimarães. O mesmo pesquisador reporta que “em Felgueiras pensa-se que tudo teve origem em trabalhos bordados com cerca de duzentos anos que pertenciam ao Mosteiro de Pombeiro. Alguns destes panos serviam como decoração aos altares. Na região, actualmente existem poucas bordadeiras do filé.”

Como esse bordado chegou até nós e se estabeleceu no complexo-estuarino das lagoas Mundaú e Manguaba? Há vários historiadores e comentaristas que se reportam aos colonizadores portugueses e aos conventos de freiras, pois se aponta a presença da Igreja nessa cadeia produtiva como consumidora de vestuário suntuoso e rico. E ao fato também dessa atividade ser quase que exclusividade do universo feminino. Bordar, cozinhar, decorar e arrumar eram, e ainda são, atividades que fazem parte da vida de muitas mulheres pelo país afora.

SINGULARIDADE DO BORDADO ALAGOANO

O bordado filé de Alagoas – e mais especificamente da área das lagoas – se caracteriza por um bordado “rico”, com muitas combinações de pontos numa malha de espaçamento pequeno. Essa concepção também está instalada nessa área entre as filezeiras que definem um bom filé como aquele trabalho cujo bordado é cheio, rico, intenso e colorido numa malha de pequeno espaçamento, que varia de 8mm a um centímetro e meio. Isso nem sempre é identificado pelo turista ou comprador local, que não percebe essa diferença dentre outros filés de baixa qualidade, oriundos de outros estados nordestinos e que competem nos pontos de venda da capital.

Essa vem sendo a principal ameaça à sua conservação e preservação, pois muitas vezes, esse capricho e intensidade de trabalho vêm sendo posto de lado em favor da confecção de filés com malha mais aberta e pouco bordada numa tentativa de enfrentamento da concorrência com produtos de fora dessa zona local de produção.

A patrimonialização dessa atividade artesanal vem a ser oportuna para uma valorização do produto que está se reposicionando no mercado da moda e que precisa de uma visibilidade positiva para se destacar dentre os concorrentes de baixa qualidade de insumos e execução, que se misturam na oferta de produtos das feirinhas e pavilhões da capital junto aos autênticos e fiéis bordados do filé tradicional.

Se por um lado há um grande número de artesãs cadastradas nessa modalidade na área do CELMM, com a existência de uma produção significativa de peças circulando no mercado, por outro lado, nota-se a presença recorrente do uso da imagem do bordado como representativa de Alagoas.

Talvez a persistência e a presença do bordado no espaço lagunar, hoje de grande afluência turística, tenha reforçado o uso dessa imagem e esse caráter midiático tenha contribuído para a fixação dessa imagem de Alagoas. A representação Filé-Alagoas é atualmente a imagem cultural mais recorrente, diria mesmo indissociável quando se quer projetar o território político alagoano através do artesanato.

* É arquiteta formada pela UFAL, especialista em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC-RJ, consultora do Sebrae-AL nas áreas de Cultura e Design.